

## **Caminho circular da ancestralidade: giras fora dos eixos**

**Dalva Costa dos Santos**

**Orientadora: Dra. Alana Alencar Parentes**

**Co-orientadora: Mestre Giovanna Marget Menezes Cardoso**

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21136809>

### **Introdução**

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a utilização da poesia como ferramenta metodológica na Psicologia da Descolonização, fundamentada na valorização do corpo, território e ancestralidade como bases epistemológicas. Através de uma síntese estética e ética, busco evidenciar como os poemas e as referências teóricas dialogam na busca de descolonizar saberes tradicionais e circulares, promovendo uma escuta sensível às vozes ancestrais e às práticas comunitárias.

Os poemas apresentados são todos autorais e nasceram das emoções, sentimentos, recordações e sensibilidades provocados pelos atravessamentos e encruzilhadas do desvelar da descolonização de meu corpo-território.

### **Fundamentação teórica**

Segundo Santos (2023), os saberes tradicionais constituem modos de viver e fazer que se entrelaçam na relação com a terra e com a ancestralidade, resistindo ao apagamento colonial. A poesia, nesta perspectiva, funciona como uma arte artesanal de conhecimento, tecida por meio da escuta, do afeto e da convivência com saberes ancestrais, sendo uma expressão integradora de oralidade, espiritualidade e resistência cultural.

Miranda (2020) reforça que corpos afro-brasileiros aprendem por meio de performances, ritmos e rituais, evidenciando que práticas pedagógicas e psicológicas devem incorporar esses saberes sociais e corporais como formas de cura e resistência. Gonçalves (2019) afirma que a descolonização da psicologia exige uma reconfiguração nas formas de produzir conhecimento, abrindo espaço para epistemologias indígenas, negras e latino-americanas que validem a experiência do povo. Assim, a poesia se

apresenta como recurso potente para dar voz e visibilidade às epistemologias silenciadas.

### Processo metodológico e o papel da poesia

Os poemas deste trabalho são frutos de escutas sensíveis, de experiências em territórios tradicionais, de memórias familiares e de rituais de cuidado. Como destacam Santos (2023) e Miranda (2020), a poesia atua como uma prática ativadora de saberes ancestrais, promovendo circularidade no pensamento e na expressão, elementos essenciais à descolonização do saber.

Ao integrar poesia e teoria, busco estabelecer um diálogo que evidencia a interconexão entre saberes tradicionais e reflexões acadêmicas, reforçando a importância da oralidade e da circularidade na construção do conhecimento.

No caminho da descolonização, o corpo torna-se território de resistência. O “Canto do Cerrado para os Povos Originários” emerge como um grito de resistência e um chamado à consciência política sobre a importância da proteção dos territórios e dos saberes ancestrais. O poema articula a força do Cerrado à luta dos povos originários, destacando a participação política na defesa da terra e da cultura, configurando-se como um manifesto poético pelo direito à vida e à luta.

Durante o curso de Psicologia da Descolonização, redescobri a ancestralidade pulsante do Cerrado. As poesias aqui apresentadas são frutos de uma caminhada de desvelamento da colonização do meu próprio conhecimento — um saber forjado e reiterado ao longo de três graduações, do mestrado e do doutorado em psicanálise clínica, marcados por referenciais eurocentrados e pela universalização de categorias que desconsideram contextos históricos, culturais e territoriais específicos.

Esse processo de desaprendizagem não se configura como negação da formação acadêmica, mas como sua problematização crítica. Ao tensionar os limites do saber instituído, a escrita poética abre espaço para a construção de um conhecimento implicado, situado e comprometido com a justiça epistemológica. Nesse sentido, a experiência formativa vivenciada na pós-graduação em Psicologia da Descolonização possibilitou o reencontro com a ancestralidade pulsante do Cerrado, operando um deslocamento epistemológico profundo. Assim, a poesia afirma-se como método, linguagem e política, contribuindo para a emergência de práticas de cuidado e de

produção de conhecimento alinhadas aos princípios da descolonização, da ancestralidade e da resistência.

### Poéticas do desvelamento: saber, colonização e ruptura

O poema Canto do Cerrado Ancestral é uma ode à terra, aos tambores e às memórias que ecoam na cultura e na resistência dos povos, ressignificadas pela consciência decolonial.

#### Canto do Cerrado Ancestral

No sopro da folha que dança no chão,  
ecoam tambores, memória e canção.  
As águas sussurram segredos antigos,  
raízes se entrelaçam, guardando os parentes.

O rapé das: aroeira, samaúma, copaíba,  
cura feridas, conecta ao céu.  
O pequi dourado, o araticum flor,  
são rezas vivas de cura e amor.

Cerrado que canta, cerrado que chora,  
na pele indígena o tempo não cora.  
Cicatriz aberta, memória ferida,  
mas a terra insiste, produz nova vida.

A jurema acende visões na fumaça,  
conduz o espírito, a dor se desfaz.  
É canto de guerra, é canto de paz,  
sabedoria que o vento refaz.

Povo da terra, guardião da raiz,  
tua voz é flecha que sempre resiste.  
Na rima dos galhos, na força do chão,  
pulsa o futuro na palma da mão.

E o som das sementes, que o vento semeia,  
é tambor que acorda, é vida que se alteia.  
No ritmo das plantas, no rap da manhã,  
o Cerrado é reza, é cura, é manhã  
(Própria autoria, 2026).

A partir da perspectiva da descolonização, o Cerrado é compreendido como território de memória, espiritualidade e resistência. O poema Canto do Cerrado para os Povos Originários articula ancestralidade, povos originários e território em uma poética de afirmação da vida e da luta.

**Canto do Cerrado para os Povos Originários**

Nasce o sol vermelho na curva da serra,  
eco de tambores ressoa na terra.  
Folhas dançam leves no vento que chama,  
cerrado é canção, é raiz que inflama.

Pajé sopra fumo, palavra que cura,  
semente que brota em alma madura.  
O rapé das plantas, batida do chão,  
abre caminhos cura o coração.

Jatobá sagrado, remédio da vida,  
cura ferida, cicatriz vencida.  
Barbatimão fala em língua de fogo  
segredo guardado do tempo mais novo.

Urucum colore pele e memória,  
pinta de vermelho a força da história.  
E o rezo entoada ao pé da gameleira  
abre o portal da mata inteira.

Indígena caminha com passos de estrela,  
povo guerreiro defende a vereda.  
A água corre, semeia esperança  
nas veias da terra renasce a criança.

Escuta, Galego, a verdade que vibra,  
não se apaga o grito de uma nação viva.  
Marco nenhum cala o tempo sagrado,  
que pulsa infinito no chão encantado.

O povo resiste com canto e memória,  
cerrado é tambor, é raiz, é vitória.  
E cada palavra que insiste em rimar  
é flecha de luz, é direito a lutar  
(Própria autoria, 2026).

No caminho da descolonização, as sementes do Cerrado ganharam novos significados. Este poema fala da resistência da natureza e da cultura, destacando a importância de preservar os saberes e a conexão com o território, agora com uma visão em descolonização.

**Sementes do Cerrado**

No chão rachado, sementes dormem,  
esperam a chuva que vem em silêncio.  
O vento passa, sussurra segredos,  
e a vida desperta em folhas e cores.

A menina caminha entre troncos antigos,  
ouve o canto das árvores, sente o corpo falar.  
Cada passo é memória, cada gesto é oração,  
cada raiz é ponte entre ontem e amanhã.

O sol que queima não queima o espírito,  
apenas revela a força que nasce da terra.  
Ecos do passado batem nos tambores do presente,  
cada batida, um chamado, cada pausa, um saber.

Na sombra da copa, histórias se encontram,  
risos e lágrimas se misturam ao vento.  
O corpo aprende o ritmo da vida,  
a mente descobre caminhos que não se veem.

Aqui, no Cerrado, o tempo é circular,  
o agora se curva ao ancestral.  
Aprender é sentir, resistir é florescer,  
e cada semente guarda o universo inteiro  
(Própria autoria, 2026).

A descolonização traz a força e a resistência da mulher negra, cujo corpo é território de luta e ancestralidade. Este poema constitui um manifesto de afirmação da negritude e da luta contra o racismo, destacando a importância da ancestralidade negra na construção de um futuro descolonizado, no qual corpo e território são espaços de resistência.

### Mulher Negra, Raiz do Mundo

Sou filha do ventre que não se dobra,  
do fogo que arde e reza.  
Sou voz que rasga o silêncio imposto,  
sou cura que vem das mais velhas.  
Carrego no corpo a lembrança das águas,  
a memória das tranças e dos orixás.  
Minha pele é território de luta,  
minha dor, um tambor que não se cala mais.  
Sueli me ensinou que pensar é insurgir,  
que o corpo é trincheira e templo.  
Lélia me sussurra: *cura é palavra em movimento*  
e eu danço ferida e inteira  
na roda onde o tempo é ancestral.  
Não há derrota em quem resiste,  
nem submissão em quem cria.  
Somos o grito que vira canto,  
a lágrima que e faz riso,  
a ferida que se faz flor.  
De cada mulher negra nasce um continente,  
de cada trança, um caminho de volta.  
Somos a terra que se ergue,  
o tambor que anuncia:  
a dor virou palavra, a palavra virou cura.  
E juntas  
filhas de Oyá, de Nanã, de Oxum  
reerguemos o mundo com as mãos,  
plantando justiça, colhendo liberdade  
(Própria autoria, 2026).

A descolonização evidencia o cuidado como ato político de resistência e como prática de afirmação da vida. O poema Cuidemo-nos articula corpo, território e ancestralidade a partir de uma ética do cuidado, afirmando a dimensão coletiva da cura e da resistência.

### Cuidemo-nos

Quem disse que está tudo perdido? Eu venho oferecer meu coração.  
Sou feirante, errante, estrangeira, marginalizada em minha própria terra sem-terra. Sou o pequeno agricultor, a solidão do povo latino-americano, mas também a beleza da vivência, a consistência dos povos e de suas lutas. Meu olhar carrega as marcas da Terra em mim, as marcas do amor e da resistência dos povos originários.  
O afeto me toca como brisa da ancestralidade, no som do tambor e da maraca, que chamam os espíritos do cuidado. É na dança circular que emana a busca pela descolonização, no corpo que lembra, na alma que se ergue. América Latina, território de espelhos e labirintos, onde a alma rega o centro do existir dos povos, onde o sangue da diversidade corre em todas as teias, em todos os potes sagrados que batem junto ao coração da existência. Cuidemo-nos, porque o cuidado é o verbo mais antigo do amor, é raiz e folha, é pão e reza, é o gesto que devolve sentido à vida comum.  
Nada está perdido quando o coração insiste em florescer, mesmo entre pedras, mesmo sob o sol do Cerrado. Eu venho oferecer meu coração.

Este poema celebra a conexão profunda entre corpo, território e ancestralidade, destacando a força e a sabedoria de todas, todos e todes que caminharam juntos nessa jornada de descolonização. Encerramos esse ciclo com essa homenagem à potência das nossas raízes e à resistência compartilhada (Própria autoria, 2026).

### Homenagem para aquela que caminha entre ventos e raízes em dois cantos

Para as meninas de 60 anos que habitaram o Cerrado na infância aquelas que correram entre pequis e cajuzinhos, que ouviram o vento chamar pelo nome, e hoje guardam no corpo a memória da terra viva.

### Canto dos Espíritos Antigos

Ela surge não de um berço, mas do ventre da mata, forjada no sopro dos ventos e na reção funda da terra vermelha.  
Pequena menina ligeira, mas em seus passos ecoam eras esquecidas. Seus olhos, de cobra encantada, descortinam véus do mundo visível. Leem a linguagem das folhas que caem, os murmúrios das águas ocultas, e a dúvida nos corações dos seres humanos. Seus cabelos são ninho de guacho, onde os pássaros encantados pousam orações e segredos. Em seus fios vivem ventos, sementes, e o tempo. Não pertence às cidades nem ao ruído das máquinas.  
É filha das árvores do Cerrado, sacerdotisa do pau-terra e do ipê-roxo, irmã dos bichos e do trovão. Caminha com a sutileza da onça, reina com a astúcia do pardal, dança com as chuvas, acolhe o orvalho da manhã na sua pele negra, onde a natureza repousa.

Seu cheiro é de mata molhada, de fumaça sagrada e erva-de-bicho, e seu sangue pulsa com o tambor de Iansã e a dualidade de Oxumarê (Própria autoria, 2026).

### Canto da Terra de Goiás

Mas também é carne e caminho.  
 Habita Cerrado real das panelas de ferro no fogão de lenha de barro, do pica-d'água que canta na mata, do mujolo que avisa o dia que vem.  
 Ela conhece a cura dos brotos: guiné, arnica, picão, assa-peixe.  
 Aprendeu com as mãos das mais velhas a diferença entre o chá que sara e o que desperta o espírito.  
 Vai descalça pelos morros de cagaita, colhe araticum como quem recolhe estrelas, fala com o jatobá como quem reza.  
 Na sua presença, até o tempo se aquieta.  
 É amante da liberdade, mas não por rebeldia: por ser filha do céu aberto, do cheiro da terra após a chuva, do calor da lenha queimando devagar.  
 É vento que sopra o cerrado inteiro, é raiz que rompe o chão e segue.  
 É menina, mas também entidade do mato, guardiã de um mundo que resiste.  
 E quem a encontra, jamais a esquece. Pois nela vivem, ao mesmo tempo:  
 A ventania, a tempestade e o arco-íris, toda circularidade ancestral (Própria autoria, 2026).

### Considerações finais

Ao integrar poesia e teoria, este trabalho afirma a produção poética como ferramenta de cura, resistência e descolonização, capaz de mobilizar sentidos, afetos e conhecimentos tradicionais historicamente marginalizados. A poesia opera como prática epistemológica que tensiona os limites do saber acadêmico hegemônico, reinscrevendo a experiência, a memória e o corpo como fontes legítimas de conhecimento.

Nesse processo, a oralidade, a circularidade e o pertencimento ancestral manifestam-se na escrita poética como estratégias de enfrentamento às epistemologias colonizadoras. Ao valorizar vozes silenciadas e saberes coletivos, a poesia promove uma epistemologia do cuidado de caráter comunitário, comprometida com a escuta, a reparação histórica e a construção de modos de existência e conhecimento baseados na reciprocidade, no território e na vida compartilhada.

### Referências

- GONÇALVES, Bruno Simões. **Nos caminhos da dupla consciência**: América Latina, psicologia e descolonização. São Paulo: Sempre-viva Editorial, 2019.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. 207 p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

